

A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CORPO: DOIS MUNDOS QUE SE ENCONTRAM

Kelly Lisie Julio^T - PPG-UFMG
Thaís Nívia de Lima e Fonseca^{TT} - UFMG

O presente trabalho tem como objetivo trazer os resultados parciais de um estudo mais amplo que será desenvolvido no mestrado. Esses resultados são frutos das primeiras discussões da proposta.

A formação, no final do século XVII, do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, atual cidade de São João del-Rei - MG, esteve alicerçada, num primeiro momento, nas atividades do taubateano Tomé Portes del-Rei, o qual, “além das funções de Capitão-mor para a repartição das terras minerais, também exercia as de concessionário da travessia do Rio das Mortes” em um local denominado “Porto Real da Passagem”¹ e, mais tarde, nas atividades auríferas que ali se realizavam. Entretanto, o crescimento do arraial foi resultante não só de tais atividades, mas também, do intenso comércio que, com o passar dos tempos, proporcionou um perceptível desenvolvimento, fazendo com que esta fosse vista como “uma das principais vilas da província”².

O elevado fluxo de atividades que então se desenvolvia na Vila de São João del-Rei, devido ao grande número de pessoas que por ali circulava, promoveu uma expansão de notícias e, também, possibilitou a propagação das mais variadas idéias, dentre elas, os “discursos higienistas que vinha se articulando na primeira metade do século XIX”³ e os “ideais liberais de que a educação e a instrução deviam ser estendidos à toda a sociedade”⁴.

Esses discursos, presentes na busca de uma “civilização”, eram difundidos através da imprensa são-joanense⁵ e, também, por meio da implantação de leis municipais, as quais buscava através das modificações no espaço físico da vila e nos costumes da população, formar posturas mais saudáveis e educadas em seus moradores.

Assim, a dita vila passa a se preocupar com a educação feminina visto que, conforme as tendências correntes nos centros urbanos do restante do país que possuíam uma determinada relevância e tradição, era necessário instruir e formar a mulher, “esposa e

mãe de hum cidadão”⁶, pois esta seria a responsável pela educação dos futuros cidadãos que levariam a vila, juntamente com o restante do país, ao “desenvolvimento” e à “civilização” a fim de equiparar-se às grandes potências mundiais.

Tal fato promoveu o surgimento de várias instituições que, preocupadas em educar as mulheres da elite, se propuseram a desenvolver para elas um tipo de educação diferente da que era destinada às mulheres do restante da população. O “*bello sexo*” são-joanense que até este período recebia quase que os mesmos ensinamentos dispensados às pertencentes às demais camadas da sociedade, ou seja, aqueles voltados para a formação moral e para os saberes domésticos, passou a freqüentar as escolas para que fossem também instruídas. Assim, aprendiam as primeiras letras e também os “bons costumes” e as prendas próprias de uma senhora bem educada”⁷.

Dentre as instituições criadas para a instrução feminina, o presente estudo restringir-se-á à imprensa oitocentista na Vila de São João del-Rei, a qual procurou construir e difundir um tipo ideal feminino. Conforme CHARTIER⁸, essas instituições procuraram “produzir estratégias e práticas que tendiam a (...) legitimar um projecto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. Esse processo, entendido como a construção do *imaginário* “torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais se efectua a reunião das representações coletivas numa linguagem.”⁹. Assim, é através desse *imaginário* que se “elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores”¹⁰.

Ao tentar construir e difundir um tipo ideal, a imprensa oitocentista procurou desenvolver condutas no *bello-sexo* são-joanense que fossem capazes de promover uma diferenciação de *status* social e cultural, visto que estas pertenciam a “esta melhor parte da sociedade”¹¹. Entretanto, é importante ressaltar que os padrões e regras apresentados por essas instituições ao tentar promover essa mulher ideal, não explicitava exatamente a realidade da mulher elitista da vila de São João del-Rei naquele período, mas sim uma

representação daquilo que os redatores desejavam que fosse. Nesse sentido, ao trabalhar com os discursos dessas instituições, há uma preocupação em percebê-los não como a realidade em si, mas como uma descrição permeada pela subjetividade das pessoas que descreveram. Desse modo, como ainda não há a possibilidade de ter acesso a que tipo de leitura e, principalmente, em que medida ocorria uma apropriação dessas leituras por parte daquelas leitoras, essa pesquisa se encerra nas *representações* de mulher ideal impregnadas das visões de mundo daqueles redatores¹².

A imprensa são-joanense publicou entre 1827 e 1844 doze periódicos, que possuíam como função, além de informar, difundir um tipo de opinião e cultura. Conforme PALLARES-BURKE, a imprensa se delegou a responsabilidade de ser "agente de cultura, de mobilizador de opiniões e de propagador de idéias"¹³.

Entre esses periódicos, o presente trabalho tem como interesse analisar *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832), sobretudo os escritos sobre a educação feminina. Os redatores, homens da vila, haviam tomado para si "a árdua tarefa de redigir esta folha, dedicada tão somente às estudosas Brasileiras"¹⁴ e, a partir de seus discursos, a função de "promover a instrução do bello sexo"¹⁵. Para isso, procuravam disseminar entre a elite feminina um determinado tipo de leitura que atentasse para a sua formação moral, intelectual e estética. Esses padrões e regras, inspirados nas idéias liberais, procuravam instruir não só as mulheres da Vila, como também as do Rio de Janeiro, de Ouro Preto, Campanha e Sabará, onde tal periódico circularia uma vez por semana proporcionando às senhoras uma forma de instruir-se dentro de seus próprios lares. A partir da autodeterminação por parte dos redatores do *Mentor* de que seriam os "civilizadores" dessas mulheres, integrantes dessa "melhor parte da sociedade"¹⁶, é possível ressaltar em seus escritos temas que variavam entre a moral, educação, padrões de beleza e a moda.

Além dessa fonte, o presente trabalho tem como pretensão utilizar-se das descrições e iconografias dos viajantes que estiveram no Brasil no século XIX e dos testamentos e inventários de ex-escravas produzidos entre 1808 e 1840 na Comarca do Rio das Mortes, cuja administração se encontrava na Vila de São João del-Rei. Os relatos dos viajantes

serão lidos, para posteriormente serem comparados e analisados, lembrando-se sempre que ao se trabalhar com a literatura de viagem, estas não devem ser tomadas como o “decalque” do real, mas como uma produção criada a partir de suas experiências em um lugar considerado por eles, muitas vezes, como “exótico”, “misterioso” etc. A partir da leitura dos testamentos e inventários *post mortem* das ex-escravas, o presente trabalho pretende fazer uma caracterização das condições sociais, econômicas e até mesmo culturais dessas mulheres, a partir das disposições e dos pertences encontrados nessa documentação. Pois se acredita que estes são indícios importantes para que se entenda como essas mulheres ao mesmo tempo em que tentavam manter suas tradições africanas procuravam, ainda, se inserir no mundo dos brancos e de posse.

A partir do entrecruzamento dessas fontes, a presente pesquisa tem como objetivo entender e demonstrar como os redatores do *Mentor* tentavam propagar, através de seu discurso, diversas regras e padrões que pretendiam que fossem incorporados e seguidos pelo “*bello sexo*” são-joanense em relação à educação estética. Para isso, ditavam a *moda* e um *padrão de beleza físico* que atentassem para a aproximação às nações européias¹⁷, consideradas como as mais “desenvolvidas e civilizadas”, que aos poucos foram se impregnando no cotidiano dessas mulheres¹⁸.

Ao mesmo tempo, a pesquisa tenta fazer uma contraposição com os padrões de beleza, as vestimentas e adereços utilizados pelas forras que aqui se encontravam, a fim de perceber também, como estas se apropriavam dos padrões ditados para uma elite branca, presentes nos discursos e nas posturas elitistas são-joanense.

Com a vinda da Corte portuguesa e todo o aparato administrativo para o Brasil, além da abertura dos portos em 1808, houve, no Brasil, um aumento “da influência estrangeira”¹⁹ seja na política, no vestuário, dos modos de pensar e viver da população brasileira. Há uma formação, em boa parte do país, de “um mercado de hábitos de consumo relativamente europeizados”²⁰. Analisando, particularmente, o processo de *afrancesamento*, a escolha do período – 1808 à 1840 – se encerra na perspectiva de que, a partir de 1808, há uma tentativas de “cópia das modas parisienses”²¹ e de se combinar “os costumes franceses

com a cultura local”²². A delimitação do período até 1840 se deve, num primeiro instante, à intenção de perceber quais eram os discursos do periódico “*O Mentor das Brasileiras*” (1829-1832), e, num segundo momento, à tentativa de compreender, através das produções a respeito do comércio e das festividades que ocorreram nesse período, além dos relatos de viajantes que passaram na sede da Comarca do Rio das Mortes, em que medida estes foram apropriados pelas mulheres da elite e também ex-escravas.

Ao analisar o modelo ideal apresentado pelo periódico e, comparando com as características das mulheres negras, é possível perceber que estas últimas significavam uma negação daquele molde existente nos escritos do periódico. Assim, é possível encontrar nos escritos do *Mentor das Brasileiras*: “*Para que huma Senhora seja perfeita em beleza, deve possuir trinta qualidades seguintes: a saber = 3 cousas brancas: a pelle os dentes, e as mãos. Três pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas. Três vermelhas: os beiços, as faces, e as unhas. Três longas: o corpo, as mãos, e os cabellos. Três curtas: os dentes, as orelhas, e os pés. Três largas: o peito, a testa, e as palpebras dos olhos. Três estreitas: a boca, a cintura e a planta do pé. Três grossas: os braços, as nadegas, e a barriga da perna. Três finas: os dedos, os cabelos e os beiços. Três pequenas: os seios, o nariz e a cabeça*”²³

É certo que muitos negros possuíam características físicas aproximadas daquelas citadas pelo *Mentor*. Como é o caso dos negros sudaneses que, conforme Freyre, possuíam “tendências para construir uma espécie de aristocracia dentro da sociedade escravocrática do Brasil (...) a de africano quase sempre esbelto, nariz afilado, mãos e pés delicados”²⁴. No entanto, ainda que houvesse uma aproximação física, a condição social a que estavam submetidos, impossibilitava uma comparação entre as mulheres negras e as brancas. Conforme ressalta PAIVA “mesmo as que chegavam a conquistar fortuna nunca recebiam tratamentos similar ao dispensado às mulheres brancas, ricas e de boa família, principalmente as portuguesas²⁵”, já que “carregavam todos os estigmas da cor e da origem, isto é, da qualidade e da condição que a sociedade escravista colonial, em momento algum, deixou de usar como instrumento de segregação”²⁶.

Por outro lado, quanto mais próxima uma mulher negra estivesse física e esteticamente daquele modelo apresentado pelo jornal e presente nos discursos liberais no período, mais ela era valorizada. Tal fato fica explicitado nos escritos de DEBRET²⁷ que se refere à preferência pela mulata “como criada de quarto (...) muito mais apreciada no serviço que as negras”, o que provavelmente ocorreu também entre os moradores da Comarca do Rio das Mortes.

Ao mesmo tempo, é possível pensar, através da análise dos relatos dos viajantes e dos pertences de ex-escravos descritos nos testamentos e inventários, uma tentativa de aproximação por parte das forras do mundo dos brancos. Segundo PAIVA os escravos, uma vez alçados à condição de livres, geralmente tendiam a reproduzir o universo dos homens brancos²⁸. Essas mulheres, ao procurar diminuir o estigma da cor e da escravidão, se enchiam de “jóias e peças de ouro e prata, símbolos exteriores de riquezas”²⁹ que representavam não só um enfeite, mas também a ascensão muito mais econômica do que social da condição de escrava. O acúmulo de tais quinquilharias juntamente com a compra de escravos, bens imóveis e objetos de uso e de casa, incluindo imagens e oratórios³⁰ representavam a sua vitória pessoal e a possibilidade de se afastar da origem escrava. Assim, ao analisar alguns testamentos como o de Catarina da Silva vê-se alguns objetos como sapatos, chapéu fino de pelo, tipicamente da população branca, pertencente a uma preta forra.³¹ Além disso, constam posses como: 1 vestido de sedinha, 2 pares de brincos, um rosário de ouro, além de 3 escravos, 2 moradas de casas, criações de porcos etc., o que permite, dessa forma, a percepção de sua possível ascensão econômica e uma tentativa de apagar os vestígios do período de escravidão.

Essa atitude também está presente nos relatos de DEBRET. Segundo o viajante, essas ex-escravas, ao alcançar a liberdade “conseguem imitar muito bem as maneiras francesas, trajando-se com rebuscamento e decência”³². Dessa forma, pode-se dizer que, muitas vezes, as negras, tendo alcançado a liberdade e ascensão econômica³³, acabavam, de uma certa forma, tentando afirmar a sua condição de forras e de donas de bens, apropriando-se de elementos estéticos da cultura européia.

Em contrapartida, ao analisar os testamentos de ex-escravas africanas, percebe-se que havia também entre seus pertences objetos que remetiam a sua cultura de origem, usados, muitas vezes, como amuletos. Desse modo, pode-se encontrar nesses escritos, peças tipicamente africanas, como é o caso, por exemplo, da já citada Catarina da Silva que, em seus bens descritos encontra-se os corais que, conforme PAIVA³⁴ “era uma mercadoria apreciada em todo o continente africano”.

Assim, há uma apropriação por parte das forras dos padrões que estavam sendo ditados no período, mas, ao mesmo tempo, a manutenção de objetos próprios da cultura africana. Tal fato pode ser pensado como um processo de *miscigenação*, isto é, como uma passagem do homogêneo ao heterogêneo, no qual há “elementos antagônicos [mas que] apresentam-se como “as duas faces de uma mesma moeda”³⁵.

Desse modo, pode-se dizer que havia uma cultura que estava sendo ditada, que procurava a aproximação com os países considerados então como “civilizados” e “desenvolvidos”, mas também, entre as africanas, a resistência de sua cultura e de seus costumes, às vezes re-elaborados a partir da convivência com os não africanos.

NOTAS

^T Mestranda do Programa de Pós-graduação Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE/ FaE/UFMG). Kelly_lislie@yahoo.com.br.

^{TT} Professora Adjunto de História da Educação, UFMG. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE/FaE/UFMG). thais@fae.ufmg.br

¹ BARREIROS, Eduardo Canabrava. *As Vilas del-Rei e a cidadania de Tiradentes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 05.

² CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. *A marcha da civilização: as vilas oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes – 1810/1844*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 1998. p 84.

³ CAMPOS, *Op. Cit.*, p. 120.

⁴ DUARTE, Constância Lima. Para a história da educação feminina brasileira, séc. XIX. In: *Com Textos*. CIED/UFOP. Mariana, v.9. 1999. p. 22.

⁵ Conforme CAMPOS (1998, p.176), a vila de São João del-Rei “assistiu à explosão da imprensa local. Foram publicados doze periódicos entre 1827 e 1844”. Desse modo, pode-se dizer que, já nesse período, os periódicos representavam um importante meio de comunicação e foi “o canal através do qual a elite se delegou a função de formadora de opinião pública e, conseqüentemente, difusora de uma civilização” (CAMPOS, 1998, p.179).

⁶ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, n° 10, segunda-feira, 01-02-1830, p.80.

⁷ FERNANDES, Rogério. *Os Caminhos do ABC – Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras*. Portugal: Porto Editora, 1994. p.447.

⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 17.

⁹ BACZKO, Bronislaw. O Imaginário Social. In.: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Oficial: Casa da Moeda, 1985, p. 311.

¹⁰ Idem, *ibid*, p. 309.

¹¹ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, n.º 07, segunda-feira, 11-01-1830.

¹² É importante ressaltar que havia entre as várias divisões do jornal, um parte destinada às correspondência, sejam elas com sugestões ou reclamações. Assim, há no número 19 do *Mentor*, uma suposta correspondência

de uma leitora reclamando a ausência de assuntos relacionados à moda. "Bem certa estou, que v. m. prometteo, no seo prospecto dar-nos alguns artigos sobre modas, a cujo prometido satisfez em parte no n.6, porém até agora nao tem aparecido mais artigo algum a semelhante respeito, o que se tem feito assaz notavel mormente por estarmos em "tempos de festividades, em que he uzual a variedade no traje" (*O Mentor das Brasileiras*, São João del-Rei, n.º 19, Sábado, 10-11-1830, p.148). Desse modo, essa correspondência da leitora, pode ser tomada como um indício de que as mulheres da elite se baseavam naquilo que o periódico trazia para se vestir.

¹³ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: *Caderno de pesquisa*. São Paulo, Jul. 1998, p. 146.

¹⁴ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, n.º 01, segunda-feira, 30-11-1829, p. 02.

¹⁵ *O Mentor das Brasileiras*. São João del-Rei, n.º 14, sexta-feira, 05-03-1830, p. 105.

¹⁶ *O Mentor das Brasileiras*, São João del-Rei, n.º07, segunda-feira, 11-01-1830, p.55.

¹⁷ A moda e o padrão de beleza físico ditados valorizavam as características físicas, os adornos e os adereços pertencentes à cultura européia, ou seja, aqueles que "constituída pelo conjunto de textos (...), não apenas construções da linguagem verbal, mas também mitos, ritos, gestos, ritmos, jogos, entres outros, (...) que obedeciam às regras e normas preconizadas" de "civildade" BAITELLO JÚNIOR apud. MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza & NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Autores Associados, set./out./nov./dez. 2004, n.º 27, p. 131.

¹⁸ O periódico *O Mentor das Brasileiras* não traz ilustrações. Entretanto, conforme foi salientado anteriormente, no número 19 do referido periódico uma leitora reclama, através de uma correspondência, a escassez de artigos relativos à moda. O que pode ser entendido, caso tenha sido realmente uma leitora a responsável pela escrita, como um indicativo dessa incorporação. É certo que não há a possibilidade de dizer em que medida o *bello sexo* são-joanense se baseava efetivamente naquelas descrições apresentadas pelo jornal, na sua conduta cotidiana. Entretanto, ao se fazer uma comparação com os escritos do *Mentor* (n.º 06, quarta-feira, 06-01-1830, p.47-8), no qual há uma valorização das cores, modelos e adereços que estivessem próximos daqueles usados na Europa, em especial, na França: "o traje a Franca [era] o mais seguido", com as descrições de Spix e Martius, dois viajantes/pesquisadores que passaram por São João del-Rei no início do século XIX, ao relatar a forma de vestir da mulher da elite são-joanense, vê-se que, assim como o periódico segundo o qual os enfeites deveriam ficar em baixo, esses viajantes descrevem trajes que possuíam "... a bainha da saia branca não raro guarnecida com flores, bordados ou estampados". SPIX, Johnn. MARTIUS, Batist. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. V.1 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 195. Podemos ter aqui indícios de que os escritos do periódico estavam, de certo modo, sendo apropriados por estas mulheres.

¹⁹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In.: NOVAIS, Fernando A. (coord. geral) *História da Vida Privada no Brasil: império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.24. (História da Vida Privada no Brasil; 2)

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 36.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 42.

²² Idem, *ibidem*, p.44.

²³ *O Mentor das Brasileiras*, São João del-Rei, n.º 10, segunda-feira, 01-02-1830, p.80.

²⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 12. ed. bras. ; 13. ed. Em Língua Portuguesa. [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1963, p. 42.

²⁵ PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995, p. 139.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 156.

²⁷ DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1989, p. 50. (Coleção Reconquista do Brasil)

²⁸ PAIVA, Eduardo França. *Op. Cit.*.

²⁹ FURTADO, Júnia Ferreira. Pérolas Negras: Mulheres livres de cor no Distrito Diamantino. In: *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do império ultramarino português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p. 108.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 100.

³¹ MRSJDR – TEST – 1824 – caixa 124. Testamento de Catarina da Silva – São João del –Rei, 29 de JUL de 1821.

³² DEBRET, J. B. *Op. Cit.*, p. 263.

³³ É interessante que se ressalte que tal ascensão ocorria em termos econômicos, pois conforme FARIA, as forras chocavam os seus contemporâneos e não eram aceitas socialmente, pois a elite, insistia em vê-las pelo seu passado como escravas. FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás Pretas: acumulação de pecúlio e transmissão de bens de mulheres forras no sudeste escravista (sécs. XVIII-XIX)*. Francisco Carlos Teixeira da Silva e outro (org.) *Escritos sobre História e Educação. Homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad. pp. 289-329. 2001.

³⁴ PAIVA, Eduardo França. Rotas de fortuna e história dos amuletos: as Minas Gerais do século XVIII no Brasil. In: *Atas de Seminário Internacional Dimensões da História Cultural*. Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 1999.

³⁵ GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.27.